

**A LOUCURA E O *COGITO* DE DESCARTES:
um diálogo entre Derrida e Foucault**

*Daniel Salésio Vandresen¹

RESUMO

Este artigo apresenta o diálogo, um tanto conflitante, entre Foucault e Derrida sobre a relação entre a loucura e o *Cogito* de Descartes. O primeiro passo é dado por Derrida, o qual critica Foucault por não ter percebido que Descartes não excluiu a loucura, mas que o cogito é válido mesmo se o pensamento é louco. Foucault responde, reafirmando a exclusão da loucura por parte de Descartes, pois o sujeito que se põe a meditar durante o processo do cogito não pode ser louco, porque a loucura é justamente a não possibilidade de fazer este percurso de meditação. Portanto, esse artigo defende a tese de que a loucura desqualifica o sujeito e o impede de realizar o processo do cogito.

Palavra-chave: cogito, loucura, Foucault.

**The LOUCURA And COGITO OF THE DESCARTES:
a dialogue between Derrida and Foucault**

ABSTRACT

This article presents the dialogue, somewhat conflicting, between Foucault and Derrida on the link between madness and Cogito of Descartes. The first step is given by Derrida, Foucault which criticism for not having noticed that Descartes did not rule out the madness, but the cogito is valid even if the thought is crazy. Foucault responded by reaffirming the exclusion of madness from Descartes, as the person who gets to meditate during the process of cogito can not be mad because the madness is not just the possibility of making this journey of meditation. So, this article supports the thesis that the madness disqualifies the subject and prevents the process of carrying out the cogito.

Key-words: cogito, madness, Foucault.

¹ Formado em Filosofia pela FEBE/SC e Mestre em Filosofia pela UNIOESTE, Campos de Toledo/PR. E-mail: danielsvandresen@yahoo.com.br

O objetivo deste estudo é apresentar o diálogo, um tanto conflitante, entre Derrida e Foucault sobre a questão da loucura e o Cogito cartesiano. O primeiro passo é dado por Derrida, este apresenta uma crítica à obra de Foucault (*História da Loucura na Idade Clássica* - 1961, na qual aparece uma análise do Cogito Cartesiano). A tese do autor é de que a loucura não foi excluída do pensamento, porque “[...] o ato do Cogito vale *mesmo se sou louco, mesmo se* meu pensamento é louco do começo ao fim” (DERRIDA, 2001, p. 50); Foucault responde a Derrida reafirmando a exclusão da loucura por Descartes. “[...] esse momento é, por isso mesmo, uma certa maneira de qualificar o sujeito meditador como não podendo ser louco [...]” (FOUCAULT, 2001, p. 86);

O texto de Derrida, *Cogito e história da loucura*, tem origem na conferência proferida por este em março de 1963. Suas reflexões têm como ponto de partida o livro de Michel Foucault: *Loucura e desrazão, história da loucura na idade clássica* (1961), sendo que sua principal crítica é a de que Foucault constituiu o Cogito de Descartes em estrutura.

Derrida declara que seu ponto de partida é a análise das três páginas em que Foucault expõe o tema da loucura referente à primeira das *Meditações* de Descartes e aponta que a leitura deste sobre a loucura é de que esta está banida, excluída, fora do círculo da dignidade filosófica. Mas o que pretende Derrida é muito mais que apenas investigar esta passagem e, sim, da análise desta comprometer toda a obra de Foucault.

A leitura que Derrida faz dessa passagem de Descartes é a seguinte: primeiro, aponta que a loucura é apenas um caso particular de ilusão sensível, mas é, sobretudo, na hipótese do sonho que há a radicalização de que os sentidos podem às vezes nos enganar. “É no caso do sono, e não no da extravagância, que a *totalidade absoluta* das idéias de origem sensível se torna suspeita [...]. A hipótese da extravagância não era portanto um bom exemplo, um exemplo revelador [...]” (DERRIDA, 2001, p. 43). Deste modo, explica que a hipótese da extravagância não recebe nenhuma explicação particular neste momento da ordem cartesiana; segundo, a hipótese da loucura torna-se um exemplo ineficaz

e infeliz na ordem pedagógica, pois o não-filósofo não tomaria a mesma atitude de um filósofo, a de admitir que poderia ser louco no momento em que fala.

Portanto, conclui Derrida, que Descartes jamais aprisiona a loucura. “*Ele apenas finge excluí-la na primeira fase da primeira etapa, no momento não-hiperbólico da dúvida natural*” (DERRIDA, 2001, p. 51). Mas, que na fase propriamente filosófica (metafísica) o recurso a “hipótese do Gênio maligno” vai tornar presente a possibilidade de uma loucura total, uma loucura que não seria mais apenas uma desordem do corpo, e sim, uma subversão do pensamento puro. Assim, não se poderia dizer como quer Foucault: “eu que penso, não posso estar louco”, porque ao pensar se anularia a loucura, mas que “[...] o ato do Cogito vale *mesmo se sou louco, mesmo se meu pensamento é louco do começo ao fim*” (DERRIDA, 2001, p. 50). No entanto, diz Derrida, a interpretação de Foucault é válida para o Cogito no momento de refletir e proferir um discurso filosófico organizado, porque para isso é preciso não ser louco.

O texto de Foucault, *Resposta a Derrida*, foi incluído como posfácio na nova edição de 1972 de *Histoire de la folie à l'âge classique* (Gallimard). Foucault inicia o texto dizendo que fará apenas algumas observações à Derrida, observações estas bastante exteriores à filosofia como é praticada e ensinada na França, da qual Derrida é um dos principais representantes. O autor procura refutar os argumentos de Derrida comparando-os com sua leitura do texto de Descartes.

Foucault declara que o que tentou mostrar é que existem condições e regras de formação dos saberes em cada época que determinam os discursos. Ainda, que se esforçou em analisar os acontecimentos que constituem um saber sobre a loucura e que não pode reduzir-se a uma interpretação de um progresso ou repetição de uma origem. “Para mim, todo o essencial do trabalho estava na análise desses acontecimentos, desses saberes, dessas formas sistemáticas que religam discursos, instituições e práticas, todas as coisas de que Derrida não diz uma palavra em seu texto” (FOUCAULT, 2001, p. 75).

Em relação à passagem que diz respeito a Descartes, Foucault diz que Derrida faz uma leitura deturpada de Descartes e de seu próprio texto. Na leitura de Derrida sobre a questão da loucura afirma que não foi Descartes quem pronuncia a hipótese do louco, mas um interlocutor fictício. Sobre isso Foucault faz algumas considerações:

Primeiro, se é verdade que é uma outra voz que coloca essa objeção da loucura, então, Derrida dá ainda mais razão para admitir que Descartes não fez entrar a loucura no processo da dúvida;

Segundo, a hipótese de uma outra voz é inútil, pois se deve interpretar a obra de Descartes assim como revela o próprio título do texto – *Meditações*. Um texto meditativo que supõe um sujeito móbil e expondo-se ele próprio às hipóteses que considera.

Terceiro, Derrida tem razão em dizer que para Descartes o sonho é mais inverossímil do que a loucura. Contudo, está equivocado quando defende que Descartes não se deteve na loucura porque é uma hipótese menos universal do que o sonho. Diz Derrida: “o louco não se engana sempre em tudo”. Ora, para Foucault o sonho tem um privilegio sobre a loucura unicamente porque ele pode me acontecer.

O sonho tem o duplo poder de produzir experiências sensoriais (tal como a loucura e mais do que ela), e de acontecer-me como de costume (o que não é o caso da loucura). [...] mas o fato de que ele possa acontecer-me permite-lhe inserir-se no próprio movimento da meditação, tornar-se uma prova plena, efetiva, enquanto a loucura é uma experiência imediatamente impossível (FOUCAULT, 2001, p.78).

Quarto, Derrida utiliza a palavra “extravagante” para caracterizar tanto a imaginação dos loucos como a fantasia dos sonhadores. “E como os sonhadores são ainda mais extravagantes que os loucos, a loucura se dissolve naturalmente no sonho” (FOUCAULT, 2001, p.80). Contudo, não se trata de extravagância, mas que o sujeito meditador “[...] se desqualifica e não poderia mais meditar se resolvesse simular, fazer-se de

louco, mas que não perde nada de sua qualificação ao resolver simular dormir” (FOUCAULT, 2001, p.84).

Quinto, há contradição na abordagem da loucura por Derrida. Primeiro diz que ao tema da loucura não corresponde nenhuma resolução e exclusão particular, depois parece reconhecer certa exclusão, já que a hipótese da extravagância é um “exemplo ineficaz e infeliz”.

Para Foucault é preciso entender as *Meditações* como um processo de dúvida que qualifica o sujeito e que durante esse processo:

[...] há um momento em que a loucura é, na realidade, considerada, mas como uma eventualidade que não se pode assumir e que não se pode fazer entrar no jogo das transformações qualificativas (porque ele seria, justamente, desqualificativa); esse momento é, por isso mesmo, uma certa maneira de qualificar o sujeito meditador como não podendo ser louco – um modo, portanto, de transformá-lo por exclusão, por exclusão da loucura eventual (FOUCAULT, 2001, p.86).

Enfim, é preciso perceber essa passagem da loucura para o sonho, feita pelo sujeito meditador, como um acontecimento e não como uma figura imaginária de um interlocutor fictício, como quer Derrida. “[...] acontecimento que fez com que um homem sentado junto à lareira, os olhos voltados para seu papel, tenha aceitado o risco de sonhar [...], mas que recusou o risco de imaginar seriamente que ele era um louco [...]” (FOUCAULT, 2001, p.90).

Considerações sobre o diálogo: enquanto para Derrida o sonho tem privilégio sobre a loucura porque o primeiro radicaliza a suspeita de que os sentidos podem nos enganar; assim, situando a loucura como um caso particular de ilusão sensível. Para Foucault o sonho tem maior significância devido ao fato de que é por meio dele que o sujeito coloca-se a meditar. Porque o sonho pode me acontecer (a loucura não) que há mobilidade no processo da dúvida.

Deste modo, consideramos que é compreensível a interpretação que Foucault faz da loucura no Cogito de Descartes. A loucura é excluída

do pensamento, porque desqualifica o sujeito meditador, o impede de realizar o processo. Diz Foucault: “esse momento é [...] uma certa maneira de qualificar o sujeito meditador como não podendo ser louco”.

Derrida não concorda que há essa exclusão da loucura do pensamento, chega até admitir que Descartes finge excluir a loucura, mas que ela está presente mais tarde na hipótese do Gênio Maligno como enlouquecimento total, uma subversão do pensamento. Contudo, é preciso concordar com Foucault, que tal interpretação, como outras, são leituras deturpadas do texto de Descartes. Pois, o ato de pensamento, da dúvida, não poder ser compreendida como loucura, porque é um ato voluntário, a dúvida se realiza por razões (motivos); enfim, um ato estratégico em busca da primeira verdade. Para o autor, o sujeito meditador, aquele que se coloca no processo da dúvida, que realiza o Cogito, não pode ser louco; nenhum louco conseguiria chegar à hipótese do Gênio Maligno. “Se alguém pensa não pode ser louco. Se alguém é louco não pode pensar” (MACHADO, 1981, p.61).

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. Cogito e História da Loucura. **IN** FERRAZ, Maria C.F. (Org.). **Três tempos sobre a história da loucura**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p.09-67.

FOUCAULT, Michel. Resposta a Derrida. **IN** FERRAZ, Maria C.F. (Org.). **Três tempos sobre a história da loucura**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p.69-90.

MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio Janeiro: Graal, 1981.